

O USO DAS IMAGENS ALIADO A NARRATIVAS E PRÁTICAS CURRICULARES EM UM JORNAL ELETRÔNICO

Rafael **Farias** – UERJ

Agência Financiadora: CNPq; FAPERJ e UERJ

Este artigo visa trazer algumas questões acerca da pesquisa voltada para um jornal eletrônico, no qual a temática central é voltada para pesquisas *nos/dos/com* os currículos, e as linguagens imagéticas que são estabelecidas nele como reflexo de práticas curriculares e narrativas de docentes, trazendo novas possibilidades de produções de conhecimentos e significações. As mensagens visuais¹, inseridas neste jornal eletrônico, serão analisadas sob a forma de artigos editados e postados por nós² que realizamos estudos acerca da relação entre educação e imagem.

Outro ponto a ser abordado será como se dão as utilizações das imagens, mas não de uma análise pura e simples da imagem naquilo que ela por si só nos traz de informação, mas da sua capacidade de produção de conhecimentos com vistas a colocar à disposição de docentes e discentes os resultados das pesquisas sobre imagens, em um chamamento à parceria, no desejo de *pensarfazer*³ juntos, pois o diálogo gerado a partir da disponibilização de imagens no jornal eletrônico entre os *docentespesquisadores* e os demais leitores vem contribuindo nas pesquisas desenvolvidas por aqueles⁴.

Por tal motivo, cabe citar que este jornal foi criado a partir da compreensão de que a criação de conhecimentos se dá em trocas sociais múltiplas, ou seja, através de *redes de conhecimentos e significações* (Alves; Passos; Sgarbi, 2006, p. 7) e da compreensão de que a produção destes conhecimentos, em especial em Ciências Humanas e Sociais, se dá em torno destas trocas.

Através do estudo deste trabalho, desta relação entre o *uso* de imagens e um meio de comunicação virtual – o jornal eletrônico –, apresento como é possível tecer pesquisas e desenvolver práticas e táticas que têm como base, a linguagem imagética atuando como meio facilitador e eficaz para produzir e compartilhar conhecimentos

¹ Como as imagens fotográficas e as imagens esquematizadas.

² Quando me refiro a primeira pessoa do plural, neste artigo, refiro-me ao grupo de pesquisa, bem como o corpo técnico relacionado ao jornal eletrônico.

³ Esse modo de escrever este e outros termos – como *ensinoaprendizagem, práticateoriaprática, dentrofora*, etc. – são utilizados nos estudos no campo do Cotidiano e deve-se a compreensão de que na Modernidade a ciência foi criada por dicotomias e que é necessário superar tais concepções por entendermos a indissociabilidade dos mesmos.

⁴ Estas interlocuções têm sido cada vez mais interessantes, nas pesquisas que o grupo vem desenvolvendo, devido às diversas atribuições e significações dadas por diferentes olhares sobre as imagens.

oferecendo àqueles que acessam este veículo de informação *online*, um novo olhar sobre as imagens.

Acerca das imagens: sua valorização e significados

O uso das imagens como recurso para o conhecimento tem sido muitas vezes negado ou pouco trabalhado pela escola tradicional em seus mais variados níveis de formação. Segundo Maria Helena Silveira⁵ *nós temos que nos tornar a formar, porque nós fomos formados em uma escola em que apenas a palavra merecia algum respeito* (1996). A escola tradicional se apoiou, sobretudo, nas questões da definição. Paulo Sgarbi afirma que *as imagens, sejam elas desenhadas, fotografadas, filmadas, pintadas (...) trazem conhecimentos muito relevantes (...). Qualquer que seja a imagem, ela causa um impacto em quem a vê, maior ou menor, mais superficial ou profundo* (2007). O mesmo autor destaca que, embora os conhecimentos possam ser expressos em outras linguagens, principalmente a escrita, cada linguagem atinge as pessoas diferentemente e, portanto, o que está representado por imagens também seria diferente se representado, por exemplo, apenas por um texto. Uma primeira diferenciação pode ser atribuída à necessidade de domínio pelo leitor de um código lingüístico com o qual o texto foi escrito, enquanto as imagens não obrigam o domínio de um código, embora não o proíba. Mais do que a um código, as imagens remetem os espectadores a diversos conhecimentos tecidos em suas redes de subjetividades.

Muitas vezes, as imagens, por si só, ganham significados, mas a sua articulação com o texto estabelece uma relação um pouco mais específica. Assim, Paulo Sgarbi afirma que podemos ver práticas possíveis através de suas representações imagéticas ou descrições verbais ou, o que parece ainda mais interessante, na articulação entre essas duas linguagens.

Por muito tempo, a formação da sociedade moderna não teve clareza da importância das imagens para a compreensão de que estas também são maneiras pelas quais obtemos e compartilhamos informações e conhecimentos. Para alguns teóricos, o estágio mais primitivo do desenvolvimento intelectual humano está associado à inteligência sensório-motora e a representação figurativa (imagens). Porém, a

⁵ SILVEIRA Maria Helena da. A IMAGEM NA EDUCAÇÃO. Entrevista para o programa “Salto para o Futuro” de 21/05/1996. Disponível em http://penta3.ufrgs.br/videos/imagem_educacao/index1.html

humanidade sempre priorizou apenas as verdades e teorias legitimadas como, por exemplo, de pensadores como Vygotsky, que defendia o pressuposto de que não era possível pensar e/ou elaborar o conhecimento sem recorrer às palavras e ao domínio do discurso e da linguagem verbal. Ele mesmo chegou a sugerir que nossa linguagem interior, aquela que nos permite estruturar o pensamento, é essencialmente uma linguagem verbal (Machado, 2001, p. 107).

Na verdade, a humanidade pensa e cria conhecimento através de todas as formas perceptivas e com todos os códigos significantes, ou seja, pensamos com imagens, palavras, música, olfato, gestos, tato, pois além da racionalidade, pensamos com emoções e sentimentos. Enredadas umas às outras, acreditamos que imagens e palavras expressam elementos de nossas relações com ambas e com nossas redes de conhecimentos, valores e desejos.

Neste sentido, é que afirmamos junto às linhas de pesquisa que já vem utilizando e pesquisando os usos da imagem através de desenhos, charges, fotografias, vídeos, filmes, obras de arte – esculturas, quadros –, imagens de propaganda entre outras, que através dos artigos enviados ao jornal dão as possibilidades, de em diversos contextos, utilizá-las como *fonte de pesquisa* (Martins, 2008), registro de situações de pesquisa, recurso para organizar o pensamento ou estímulo para a memória dos praticantes da pesquisa.

Um pouco sobre o jornal eletrônico

A confecção, organização e estruturação dos artigos e das imagens que são posteriormente postadas neste jornal eletrônico, de periodicidade mensal, acarretaram um estudo maior sobre as imagens inseridas em cada artigo. O trabalho que realizamos – colocar *online* o jornal – vem após toda a criação de artigos dos grupos de pesquisa relacionados ao laboratório do qual faço parte e estuda questões referentes à imagem. Os artigos relacionam sempre texto e imagens. Na execução de nosso trabalho específico, percebo que para além de ‘ilustrar’ os artigos, as imagens ‘usadas’ nos mesmos – fotografias, desenhos, caricaturas, cenas de programas de televisão etc. – permitia/ exigia um estudo especial sobre as mesmas. Cada imagem não só completa a escrita do artigo, mas permite, também, ‘leituras’ que vão além do que foi escrito.

Assim, compreendo que este jornal eletrônico vem desenvolvendo um importante papel no que concerne aos estudos nos/dos/com os currículos e nas práticas curriculares, destacando-se também pela presença do “ensino-pesquisa-extensão” que

tanto reivindicamos para a educação superior como seu tripé básico. Assim, surge a diversidade/ multiplicidade/ pluralidade, a formação, as tecnologias, entre outros que vão se misturando e criando um diálogo com diversos docentes, estudantes, pesquisadores/as do campo da educação e demais *praticantes*⁶ dos nossos múltiplos contextos de formação.

Para um melhor entendimento do mote deste trabalho, é que um artigo será rapidamente apresentado a seguir, com a finalidade de analisar os aspectos propostos anteriormente de maneira mais bem detalhada.

Analisando um artigo e sua respectiva seção

O artigo faz parte de uma seção do jornal eletrônico que é o “termômetro” da interlocução/ diálogo proposto inicialmente entre *docentespesquisadores* com suas práticas curriculares e demais leitores. Esta seção nos apresenta artigos escritos pelos leitores do jornal eletrônico, sejam docentes ou não, e que apresentam suas críticas e/ou observações aos textos já antes escritos no jornal ou que venham apresentar uma parte de suas pesquisas e trabalhos através de suas narrativas e práticas curriculares.

O artigo foi escrito por uma graduando em Letras que relata a busca de sua própria história, refletindo sobre a questão da identidade da mulher negra no Brasil. Ela nos conta brevemente, como se deu este processo de descoberta sobre a discussão das relações raciais no Brasil quando entrou na universidade, defendendo a legitimidade de sua trajetória também para todas as mulheres afro-brasileiras.

Tal narrativa adquire papel relevante para os grupos de pesquisas ligados ao jornal, pois alguns desenvolvem estudos acerca das relações étnico-raciais. Assim, identificamos o jornal como um meio também de discussão das diversas temáticas relacionadas aos estudos curriculares, tais como a lei 10.639/03, modificada pela Lei 11.645/08, que visa à inclusão nos currículos oficiais da rede de ensino “História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena”.

Assim, na narrativa desta e de outros *docentespesquisadores*, temos não só acumulado dados de caráter antropológico, etnográfico, sociológico e histórico em

⁶ É desta forma que Certeau (1994) denomina as pessoas que estão nos tantos cotidianos ocupando os espaços dominados com os usos do que lhes é posto para consumo. Nesse processo criam e recriam, permanentemente, tecnologias.

múltiplos contextos educacionais, mas também temos proposto a discussão com o leitor sobre as diversas temáticas educacionais, sempre no sentido de *pensarfazer* juntos.

As imagens que fazem parte deste artigo, completando todo o sentido da escrita, são duas fotografias aonde a autora encontra-se com alguns formandos, colegas do curso de Letras. Torna-se notório que a imagem fotográfica representa uma grande conquista não somente para ela por ser mulher e negra, mas para tantas outras afro-brasileiras que se identificarem com este artigo. Kossoy diz que

por tais razões servem as imagens(...). Para que possamos fazer essas e outras descobertas; para que possamos preservar a lembrança de certos momentos e das pessoas que nos são caras; para que nossa imagem não se apague; para que não percamos as referências do nosso passado, dos nossos valores, da nossa história, dos nossos sonhos. (Kossoy, 2002:130)

Sabemos o poder e os diversos significados que uma imagem pode ter. Isso se dá, pois toda imagem incorpora uma forma de ver. No entanto, a maneira como vemos as coisas é afetada pelo que sabemos ou pelo que cremos. Acreditamos que ver através de imagens e textos, aliado a narrativas, nos permite refletir sobre novas práticas curriculares possíveis em nosso cotidiano.

Referências bibliográficas

ALVES, Nilda; PASSOS, Mailsa; SGARBI, Paulo (Orgs.). *Muros e redes: conversas sobre escola e cultura*. Porto: Profedições, 2006.

CERTEAU, Michel. de. *A invenção do cotidiano - artes de fazer*. Petrópolis: Vozes, 1994.

KOSSOY, Boris. *Fotografia e história*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001.

MACHADO, Arlindo. *O Quarto Iconoclasmo e outros ensaios hereges*. Rio de Janeiro: Rios Ambiciosos, 2001.

MARTINS, José de Souza. *Sociologia da Fotografia e da Imagem*. São Paulo: Contexto, 2008.

SILVEIRA Maria Helena da. A imagem na educação. Entrevista para o programa “Salto para o Futuro”. *Net*, Rio Grande do Sul, 21 mai de 1996. Disponível em http://penta3.ufrgs.br/videos/imagem_educacao/index1.html. Acesso em: 25 mar 2010.